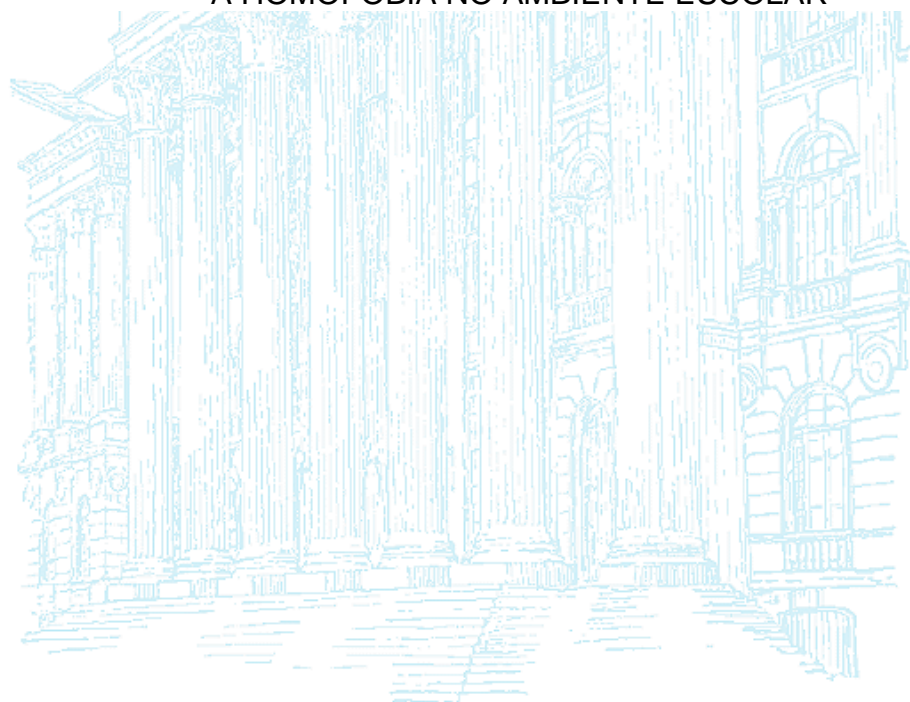


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIANE GOMES MAFRA



A HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR



ITAJAÍ
2016

ELIANE GOMES MAFRA

A HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof.^a. Silma Côrtes da Costa
Battezzati Valverde

ITAJAÍ
2016

A HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Eliane Gomes Mafra¹; Prof. Silma Côrtes da costa Battezzati Valverde²

Resumo: Esse trabalho constitui-se num instrumento de reflexão para os docentes, acerca dos desafios postos pela sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito à diversidade humana e ao pluralismo cultural, pois, se faz necessário uma reflexão sobre a diversidade, seja o ponto de partida da nossa caminhada rumo as transformações conceituais e práticas da escola, a fim de garantir educação para todos, por meio de aprendizagens efetivas que garantam a permanência do aluno e, conseqüentemente, seu sucesso escolar. Acredita-se, portanto, a importância de oferecer subsídios aos professores para auxiliá-los na condução de sua prática pedagógica inclusiva, deste modo, o presente texto tem por objetivo resignificar o pensar e o agir do professor, frente ao processo de ensino e aprendizagem no contexto de uma escola aberta às diferenças, levando-os à prática. Apesar da evolução da sociedade, percebe-se ainda no ambiente escolar a presença da homofobia, preconceito que deve ser tratado de forma mais rigorosa e satisfatória desde o início da aprendizagem.

Palavras-chave: Aprendizagem; Diversidade; Escola; Homofobia

Abstract: This paper constitutes in a reflection tool for teachers, about the challenges posed by contemporary society, especially with regard to human diversity and cultural pluralism, therefore, it is necessary to reflect about the diversity, that is the starting point our journey towards the conceptual transformations and school practices in order to ensure education for all, through effective learning to ensure the permanence of the student and, hence, their school success.

It is believed, therefore, the importance of offering support to teachers to assist them in conducting their inclusive pedagogical practices, therefore, this paper aims to

¹ Formação em Ciências Biológicas, Faculdade Uniasselvi – elianegmafra@yahoo.com

² Possui Doutorado em Comunicação Social (Processos Comunicacionais e Inovações Tecnológicas Digitais) pela UMESp. Mestrado em Educação (Formação de Professores e Tecnologias Educacionais Digitais) pela PUCPR. Especialização em Magistério Superior e Licenciatura Plena em Pedagogia - Docente na UFPR/Setor Litoral - Graduação e Pós-graduação - presencial e a distância - silmaufpr@gmail.com

reframe the thinking and acting of teacher, opposite the process of teaching and learning in the context of a school which opens to differences, leading them to the practice. Despite the evolution of society still perceives in the school environment the presence of homophobia, prejudice which should be treated with more rigor and satisfactorily since the beginning of learning.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho constitui-se num instrumento de reflexão aos professores acerca dos desafios postos pela sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito à diversidade humana e ao pluralismo cultural, pois, acredita-se que a reflexão sobre a diversidade, seja o ponto de partida da nossa caminhada rumo a transformações conceituais e práticas na escola, a fim de garantir educação para todos, por meio de aprendizagens efetivas que garantam a permanência do aluno e, conseqüentemente, seu sucesso escolar. Segundo Carvalho (2002, p. 70), “Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças.”.

Corroborando com Carvalho, Araújo (1998, p.44) diz:

[...] a escola precisa abandonar um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais.

Nesse sentido, Amaral (1998) ressalta que a educação precisa prestar um bom serviço à comunidade, buscando atender as especificidades dos alunos que chegam à escola, cabendo à educação adequar-se às necessidades dos alunos e não os alunos às necessidades e limitações na escola.

Acredita-se, portanto, ser necessário oferecer subsídios aos professores para auxiliá-los na condução de sua prática pedagógica inclusiva. Deste modo, o presente texto tenta resignificar o pensar e o agir do professor, frente ao processo de ensino e aprendizagem no contexto de uma escola aberta às diferenças, levando-os à prática “[...] que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais”, como propõe Araújo.

O ser humano apresenta diversificadas características comportamentais que influenciam as suas ações na sociedade. A nossa formação enquanto pessoa ocorre por meio dos conhecimentos que adquirimos no convívio com outros atores sociais. Quando nascemos já somos inseridos em um contexto pré-determinado pela identidade cultural ao grupo que fazemos parte. Desse modo, estamos aptos à aquisição de informações para trilhar o nosso caminho durante nossa vida, tendo em vista que, ao longo dessa caminhada, devemos nos tornar seres humanos mais íntegros, justos e fraternos para que possamos viver em harmonia com o planeta e com as pessoas que nos rodeiam, respeitando-as e amando-as como a nós mesmos.

O livro de Conteúdo Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 36)³, destaca que a convivência com a diversidade implica o respeito, o reconhecimento e a valorização do/a outro/a. Esses são passos essenciais para a promoção da igualdade de direitos.

Na Revista Educar para Crescer⁴ no entanto, podemos observar que em muitos espaços escolares não é bem assim que as coisas funcionam, pois somos integrantes de um modelo econômico capitalista que estimula a competitividade e o acúmulo de bens materiais. O capitalismo é um modo de produção fundado na divisão da sociedade em duas classes essenciais: a dos proprietários dos meios de produção (terra, matérias-primas, máquinas e instrumentos de trabalho) - sejam eles indivíduos ou sociedades - que compram a força de trabalho para fazer funcionar as suas empresas; a dos proletários, que são obrigados a vender a sua força de trabalho, porque eles não têm acesso direto aos meios de produção ou de subsistência, nem o capital que lhes permita trabalhar por sua própria conta.

Em países subdesenvolvidos muitas vezes ainda existem proprietários agrícolas, cujos rendimentos não provém da compra da força de trabalho, mas de formas mais primitivas de apropriação do sobre-trabalho, como o trabalho gratuito ou a renda em espécie. Trata-se aí, porém, de classes que representam resquícios das sociedades pré-capitalistas, e não classes típicas do próprio capitalismo.

³ BRASIL. Ministério da Educação. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras (es) em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM, 2009.

⁴ DIVERSIDADE - Homossexualidade e homofobia na escola: como lidar? Educar para crescer: Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importante-falar-sexo-escolas-629611.shtml> Acesso em: 15/09/2015.

O capitalismo não pode sobreviver e desenvolver-se senão quando estão reunidas as duas características fundamentais que são: o monopólio de meios de produção em proveito de uma classe de proprietários privados; existência de uma classe separada dos meios de subsistência e de recursos que lhe permitam viver de outro modo que não pela venda da sua força de trabalho. O modo de produção capitalista reproduz constantemente as condições da sua própria existência.

O capitalismo⁵ não existe em lugar nenhum em estado puro. Ao lado dessas duas classes fundamentais vivem outras classes sociais. Nos países capitalistas industrializados, encontra-se a classe dos proprietários individuais de meios de produção e troca, que não exploram ou quase, os trabalhos de pequenos artesãos, pequenos camponeses, pequenos comerciantes. Logo, somos movidos pelo desejo de sermos sempre melhor do que o outro, o que nos leva a obsessão de que devemos nos posicionar em um patamar sempre acima do outro indivíduo.

Só por isso muitos passam a defender de forma reducionista sua cultura, crenças, costumes e tradições como um padrão a ser seguido, sem reconhecer a importância das demais culturas como por exemplos dos índios, negros e portugueses, a expressiva vinda de imigrantes de todas as partes da Europa, do Oriente Médio e da Ásia influenciou a formação do povo brasileiro vivenciando assim a prática do etnocentrismo.

Segundo consta no Livro de Conteúdo Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 24): “O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade”.

Nessa perspectiva, em muitos contextos conviver em sociedade com tantas diferenças quer seja de gênero, de linguagem, de raça e etnia, dentre outras, acaba gerando determinados tipos de discriminação e preconceitos. De acordo com o Livro de Conteúdo Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 197) preconceito é “qualquer atitude negativa em relação a uma pessoa ou a um grupo social que derive de uma ideia preconcebida sobre tal pessoa ou grupo”.

⁵ CARRARA, S. (2009) Educação, diferença, diversidade e desigualdade. Em: **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro conteúdo**. Rio de Janeiro: CEPESC

Para Madureira (2000), o estudo realizado com homens e mulheres indicou a importância de se considerar as estratégias pessoais e coletivas utilizadas no cotidiano para lidar com o preconceito e a discriminação em relação às identidades sexuais não hegemônicas.

Em 2011 o Ministério da Educação envolveu-se em uma polêmica ao anunciar a distribuição de um “**kit anti-homofobia nas escolas**”. Segundo informa a repórter do Portal Agência Brasil⁶, Amanda Cieglinski (2011) “O ministro da Educação, Fernando Haddad, explicou [...] que os kits de combate à homofobia que seriam distribuídos às escolas públicas de ensino médio deverão ser refeitos porque a presidenta Dilma Rousseff não gostou do seu conteúdo.”

Em outras palavras, contendo vídeos e material de apoio aos professores, o material foi amplamente criticado pela bancada evangélica da Câmara dos Deputados sendo necessário reformular o kit, para que o seu conteúdo contribua, efetivamente, no combate de outros preconceitos como ressalta a fala da Presidente da República na referida matéria:

“A presidenta entendeu que esse material, na opinião dela, não combate a homofobia. Ela entende que ele não foi desenhado de maneira apropriada para promover aquilo que ele pretende que é o combate à violência, a humilhação e a evasão desse público da escola”, afirmou o ministro.”

Podemos entender a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma.

Já o termo heteronormatividade foi criado em 1991, por Michael Warner. O conceito busca dar conta de uma nova ordem social, isto é, se antes essa ordem exigia que todos fossem heterossexuais, hoje a ordem sexual exige que todos, heterossexuais, homossexuais, e outros indivíduos organizem suas vidas conforme o modelo “supostamente coerente” da heterossexualidade.

A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades. Todavia, deve-se compreender a legitimidade da forma homossexual de expressão da sexualidade humana.

⁶ Agência Brasil Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-05-26/dilma-pediu-para-refazer-kits-por-achar-que-nao-combatiam-homofobia-diz-haddad>. Acesso em 20/10/2015

A palavra fobia denomina uma espécie de “medo irracional”, e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado.

Podemos entender a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma. A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades. Todavia, deve-se compreender a legitimidade da forma homossexual de expressão da sexualidade humana.

Questionar os limites⁷ e os preconceitos no uso da linguagem constitui também um exercício de resistência a processos de discriminação e exclusão e devem ser encorajados no espaço da educação. Um conceito é sempre uma tentativa de simplificar por meio de uma palavra, criada em um determinado contexto histórico-cultural, uma complexidade de experiências, no caso da sexualidade, uma complexidade de experiências com nossos corpos, com nossos prazeres e com outras pessoas. No entanto, questionar determinados conceitos nem sempre implica em desfazer-se completamente deles, nem negar sua utilidade e sua necessidade em determinados contextos específicos, o que inviabilizaria a possibilidade de qualquer pesquisa na área de Ciências Humanas, já que a maioria dos conceitos com as quais trabalhamos, sendo um deles o próprio conceito de sujeito, são problemáticos. Reconhecer conceitos como problemáticos implica em reconhecer a linguagem como construção históricocultural, negando sua pretensa neutralidade e universalidade, mas não implica necessariamente inviabilizar todas as pesquisas que trabalham com categorias que possam ser questionadas, embora recentemente essa tenha sido uma atitude ingênua bastante presente na crítica acadêmica na área das Ciências Humanas. Homossexualidade e homofobia têm sido termos largamente utilizados pela mídia.

Na escola a homofobia se expressa por meio de agressões verbais e/ ou físicas a que estão sujeitos estudantes que resistem a se adequar à

⁷ DIVERSIDADE - **Homossexualidade e homofobia na escola: como lidar? Educar para crescer: Dispionvel em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importante-falar-sexo-escolas-629611.shtml>. Acesso em: 20/10/15**

heteronormatividade, conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante. No contexto educacional, o termo bullying tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar, e o termo bullying homofóbico tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Assim, o mal é sempre algo que está fora do sujeito e ainda, diferente daqueles com os quais se identifica. Por exemplo, por muitos anos, acreditou-se que a AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, era uma doença que contaminava exclusivamente homossexuais. Dessa forma, o “aidético” era aquele que tinha relações homossexuais. Assim, as pessoas podiam se sentir protegidas, uma vez que o mal da AIDS não chegaria até elas (heterossexuais). A questão da AIDS é pouco discutida tanto no ambiente escolar como na área da saúde, sendo tratado o assunto na maioria das vezes com cautela.

Mas a situação de estudantes gays e lésbicas⁸ que tentam esconder sua orientação sexual também não é mais fácil já que o silenciamento e o ocultamento de sua sexualidade é também uma forma de violência.

Com a preocupação de se tratar de todos os assuntos relacionados ao preconceito de forma geral, algumas pesquisas apontam ainda para o medo que o homofóbico tem da AIDS e de se sentir atraído por alguém do mesmo sexo. Nesse sentido, o desejo é projetado para fora e rejeitado, a partir de ações homofóbicas.

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’. (LOURO, 1997, p. 67-68).

Assim, podemos entender a complexidade do fenômeno da homofobia que compreende desde as conhecidas “piadas” para ridicularizar até ações como

⁸ DIVERSIDADE - Homossexualidade e homofobia na escola: como lidar? Educar para crescer: **Dispionvel em:** <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importante-falar-sexo-escolas-629611.shtml>. Acesso em: 20/10/15

violência e assassinato. A homofobia implica ainda numa visão patológica da homossexualidade, submetida a olhares clínicos, terapias e tentativas de “cura”.

Guacira Louro nos lembra que:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 30).

Conforme Juliana S. Ferrari⁹ podemos entender, então, que a homofobia compreende duas dimensões fundamentais: de um lado a questão afetiva, de uma rejeição ao homossexual; de outro, a dimensão cultural que destaca a questão cognitiva, onde o objeto do preconceito é a homossexualidade como fenômeno, e não o homossexual enquanto indivíduo.

Conforme matéria do Supremo Tribunal Federal¹⁰, em 05 de maio de 2011, O ministro Ayres Britto argumentou que o artigo 3º, inciso IV, da CF veda qualquer discriminação em virtude de sexo, raça, cor e que, nesse sentido, ninguém pode ser diminuído ou discriminado em função de sua preferência sexual. “O sexo das pessoas, salvo disposição contrária, não se presta para desigualação jurídica”, observou o ministro, para concluir que qualquer depreciação da união estável homoafetiva com os demais ministros: Luiz Fux, Ricardo Lewandowski, Joaquim Barbosa, Gilmar Mendes, Marco Aurélio, Celso de Mello e Cezar Peluso, bem como as ministras Cármen Lúcia Antunes Rocha e Ellen Gracie reconheceram a legalidade da união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. A decisão retomou discussões acerca dos direitos da homossexualidade, além de colocar a questão da homofobia em pauta. Mas apesar das conquistas no campo dos direitos, a homossexualidade ainda enfrenta preconceitos uma vez que o reconhecimento legal da união homoafetiva não foi capaz de eliminar, por exemplo, a homofobia, nem proteger inúmeros homossexuais de serem rejeitados, muitas vezes de forma violenta.

⁹ "Homofobia"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/psicologia/homofobia.htm>>. Acesso em 24 de outubro de 2015.

¹⁰ <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=206647> Acesso em 24/10/2015

OBJETIVOS

1. Objetivo Geral:

Esse artigo tem como objetivo apresentar caminhos que indiquem possibilidades para uma ação docente que colabore efetivamente com a construção de uma escola justa, sem homofobias, sem preconceitos e exclusões.

2. Objetivos Específicos:

- a) Enfatizar a incorporação dos estudos de gênero e sexualidade nos cursos de Formação Continuada para professores e nas disciplinas que compõem a grade curricular da educação básica e superior;
- b) Desenvolver atividades de capacitação na área educacional que contemplem discussões sobre as raízes histórico-culturais e as bases afetivas dos preconceitos;
- c) Propor a adoção de uma abordagem integrada de combate à homofobia e ao sexismo.

METODOLOGIA

Após a leitura de vários textos consegui escolher uma proposta metodológica para a realização desta pesquisa considerando as possibilidades de alcançar os objetivos propostos. Para tanto, recorri a Pesquisa Documental de fonte primária que exige também consultas e análises a bibliografia especializada sobre o tema.

Podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

Sendo uma técnica decisiva para a pesquisa em ciências sociais e humanas, a Análise Documental é indispensável porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação; é aquela realizada a

partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos.

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Como o tema depende de muitas leituras e reflexões sobre variados pontos de vista, entendo que as técnicas empregadas na pesquisa documental poderão contribuir para a construção de saberes que indiquem novas possibilidades para uma ação docente efetivamente comprometida com a construção de uma escola justa, sem homofobias, sem preconceitos e exclusões, pois na pesquisa documental é possível se utilizar fontes de informação atuais como históricas, que envolvem fato e/ou fenômenos que já ocorreram, bem como revisões e teóricas para compreensão e aprofundamento de estudos que analisam teorias já consagradas sobre o tema em questão.

Quanto à natureza dos resultados da pesquisa serão privilegiadas análises e descrições qualitativas, pois permitem interpretações seguras e imparciais por parte do pesquisador.

Em outras palavras, esse tipo de análise, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir nos processos de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos entre outros campos investigativos bastante profícuos (Corsetti, 2006)¹¹.

Podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

O prazo para a realização desse trabalho será aproximadamente até o mês de dezembro de 2015, devendo proporcionar em meu local de trabalho o emprego dos objetivos descritos e contribuir assim com a pesquisa realizada.

¹¹ CORSETTI, Berenice. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa. UNIREVISTA, vol. 1, nº 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2011.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o trabalho realizado observa-se que, por mais que a sociedade trabalhe, divulgue e faça campanhas contra qualquer tipo de preconceito existe explícito a presença constante de discriminação e a falta de preparação dos docentes para transmitirem conhecimentos sobre a Diversidade já na fase escolar.

A Homofobia vem acompanhada por outros comportamentos inadequados na infância, como o Bullying. Antigamente já aconteciam nas escolas, mas não possuía um termo para defini-lo ou passava despercebido pela Orientação e Direção da escola para se evitar maiores transtornos.

Muitos autores pesquisaram sobre o tema, mas se faz necessário constante investigação e tomada de atitudes para tentar amenizar situações ainda frequentes no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem do assunto nas escolas pode até deixar alguns pais receosos, mas é necessário entender que é importante que o respeito às diferenças esteja presente no currículo. Informar é o primeiro passo para a quebra do preconceito.

Muitas pessoas, por exemplo, partem do pressuposto de que a bissexualidade e a homossexualidade são desvios de caráter, uma doença ou ainda algo contagioso.

O caminho é sempre fazer da ampliação da cidadania tema das aulas. Ou seja, se o professor trabalhar com os estudantes os princípios da dignidade humana, da liberdade e da igualdade, a sala de aula se tornará naturalmente um campo fértil para boas práticas pedagógicas sobre tema. É importante passar informações científicas e propiciar o debate de temas pertinentes à idade de cada turma, tentando aplacar as angústias dos adolescentes em relação ao assunto.

Muitas das crianças já vêm de casa com preconceito, assim como na escola, é preciso muito diálogo e cuidado para não incentivar possíveis preconceitos. Jamais critique os homossexuais e, se perceber que seu aluno está nutrindo algum tipo de preconceito, converse sobre isso com ele. Assim como o racismo e o antissemitismo, a homofobia não pode ser tolerada em casa, na rua e muito menos na escola.

Sempre que pesquisamos, aprendemos algo importante, todo conhecimento é de muita valia.

Como professora, observo nitidamente o preconceito em sala de aula e nós temos a obrigação de sermos os mediadores dessa situação, ou mais ninguém o terá.

Muitas de nossas escolas apesar de comportar uma considerável diversidade cultural não sabem lidar com a mesma, e acabam por gerar muitos conflitos que poderiam facilmente ser evitados, e tanto a gestão escolar como o professor ao invés de amenizar tais situações acabam provocando novos problemas, não direcionando suas práticas pedagógicas para este contexto tão múltiplo.

Para que não ocorram tais problemas, inicialmente é necessário que os profissionais da educação, professores, gestores e demais funcionários, entendam que a diversidade existe, é natural, necessária e deve ser respeitada. Mais do que isto, deve ser refletida e discutida, e isso deve ser estimulado principalmente nos espaços escolares pois, “pedagogicamente as crianças e os jovens, nas escolas, seriam estimuladas a entrar em contato, sob as mais variadas formas, com as mais diversas expressões culturais dos diferentes grupos culturais” (SILVA, 2009, p. 98).

É função da gestão escolar, assim como da coordenação propiciar espaços formadores que se objetive discutir questões relevantes para a instituição escolar assim como colocá-la em discussão. Para tanto é preciso que a gestão escolar considere a educação uma cultura e a escola um lugar de culturas plurais. Assim sendo, a homossexualidade, portanto, é uma questão que precisa e deve ser debatida com respeito e com o máximo de naturalidade na escola.

Para evitar o constrangimento¹², assédio ou bullying por parte dos estudantes, a família e a escola podem - e devem - falar aos jovens sobre a necessidade de respeitar as diferenças e de se refletir sobre o sofrimento que aqueles e aquelas que não têm o "comportamento padrão" imposto pela sociedade tradicional ou conservadora carregam, pois como já postulava o filósofo e matemático grego Pitágoras “Ninguém pode carregar as dores e o sofrimento de outrem”. Portanto, embora falar dos diferentes tipos de orientação sexual (atração afetiva pelo mesmo sexo ou identificação física e psicológica com o sexo oposto) no ambiente escolar

¹² CARRARA, S. (2009) Educação, diferença, diversidade e desigualdade. Em: **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro conteúdo**. Rio de Janeiro: CEPESC.

não seja fácil é necessário e importante para constituição de uma sociedade mais igualitária, fraterna e justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIA BRASIL ____ Disponível em:
<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-05-26/dilma-pediu-para-refazer-kits-para-achar-que-nao-combatiam-homofobia--diz-haddad>. Acesso em 19/10/15

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998. p. 11 a 30.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998. p. 44.

CARRARA, S. (2009) Educação, diferença, diversidade e desigualdade. Em: **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro conteúdo**. Rio de Janeiro: CEPESC.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 70, 75, 106, 111, 120, 174.

DIVERSIDADE - **Homossexualidade e homofobia na escola: como lidar? Educar para crescer: Disponível em:**
<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importante-falar-sexo-escolas-629611.shtml>. Acesso em: 20/10/15

FERRARI, Juliana Spinelli. "**Homofobia**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/psicologia/homofobia.htm>>. Acesso em 24 de outubro de 2015.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. 2000. 429 f. Tese (Doutorado em Psicologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2000.